

Pedro Canavarro *

Os Portugueses e o Japão —Arte Namban



Portugal vai participar na próxima Europália/89 — Japão que se realiza na Bélgica de Setembro a Dezembro do corrente ano.

A Europália é um grande certame cultural de vastas proporções artísticas que inclui exposições, ciclos de cinema, de música, colóquios vários e que desde 1969 se realiza bienalmente na Bélgica. Sobre a interpretação das origens e significado que actualmente se confere a esta grande Festa da Cultura, no centro da geografia política, económica e cultural europeia, tem-se conseguido graças à participação de vários países europeus que exibem a sua história e acção cultural numa perspectiva actualizada da Europa, o que tem acontecido num ritmo cada vez mais participado e que a Itália iniciou. Sucederam-se a Holanda, a Grã-Bretanha, a França, a República Federal Alemã, a Bélgica, a Grécia, a Espanha, a Áustria, abrindo-se este ano pela primeira vez essa perspectiva a um País não Europeu: o longínquo e ímpar Japão!



Se o que se procura é o encontro cultural positivo da Europa actual isso não significa que as raízes desta Festa não estejam consolidadas desde há longos séculos na velha história europeia!

Assim, «Europália» significava a Festa que se realizava na Antiguidade Romana aquando das colheitas para festejar a sua abundância; daí Europália ser, actualmente, a festa da Europa onde se confrontam os valores histórico-culturais passados e presentes, onde a dinâmica actual se impõe como assinatura hodierna.

Não é de estranhar que seja nesta área europeia — Flandres e Valónia — que tenha lugar esta grande realização, já que historicamente aí se sentiu sempre a criatividade, o intercâmbio artístico e comercial que indiscutivelmente definiram momentos ímpares da História Europeia, paisagem que ajuda hoje à formação e consolidação da actual Europa das Comunidades.

Será ainda interessante referir que a noção desta Festa e o próprio termo de «Europália» aparece já no manuscrito que Giovanni Battista Fonteo oferecia ao Imperador Maximiliano II a 30 de Dezembro de 1568 e se encontra na Biblioteca Nacional de Viena, quando este decidiu festejar o noivado de Carlos da Estíria com Maria da Baviera.

Ordenou a pintores e a poetas que imaginassem especiais festejos no interior do palácio imperial, em que os principais actores fossem os próprios príncipes, nobres, grandes dignatários, diplomatas e o próprio Imperador; — desde que, a intenção fosse a de homenagear a EUROPA, e em que príncipes de sangue representassem as realezas da Ásia, da América e da África reunindo-se à volta do trono europeu, ou seja da figura de Maximiliano.

Pela primeira vez, neste ano de 1989, este acontecimento festivo europeu abre-se ao Japão, que, como responsável da «Festa» criará, como no passado, as mais várias e diversas expectativas ao apresentar uma cultura tradicional tão diferente e um progresso tecnológico tão espectacular. A figura humana e a natureza nas artes, os quimonos de corte, as estampas japonesas, a armaria, a tecnologia de ponta, etc., serão alguns dos temas que com certeza se poderão observar na «MOSTRA» nipónica.

Para além desta responsabilidade japonesa de trazer à leitura europeia uma proposta de valores diversos e diferentes dos nossos, é por outro lado um desafio ao diálogo e ao confronto cultural entre a Europa e o Extremo-Oriente!

Como tal, nada mais natural que o Japão convidasse Portugal e a Holanda, como primeiros países que do Ocidente chegaram

ao Japão e que criaram a primeira ponte de contactos com o arquipélago japonês, a participarem neste grande evento de 1989.

Torna-se assim imperiosa a presença portuguesa nesta Europália/Japão, justificando-se naturalmente, por termos sido os primeiros ocidentais a efectuar contactos regulares com o longínquo Cimpangu de Marco Polo desde 1542/43, pelo que foram nomeados em despacho conjunto da Secretaria de Estado da Cultura e do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Pedro Canavarro como Comissário-Geral e Maria Helena Mendes Pinto como Comissário-Adjunto para a organização desta Mostra.

O tema da Exposição Portuguesa nesta Europália nipónica está naturalmente circunscrito a esse «século áureo» do nosso impacto junto do «Dai-Nippon» em que os interesses comerciais articulados por vezes ao espírito de evangelização cristã permitiram que a introdução de novas técnicas, como a espingarda, a farmacopeia, a gastronomia, o uso de certa indumentária, técnicas de construção defensiva, para já não falar no primeiro dicionário nipo-português, — foram acontecimentos aceites e absorvidos pelos japoneses, com interesse, rapidez e mestria notável a ponto de se tornar visível esta atitude nas obras de arte agora a expor. Este período qualificou-se de «século namban», — termo que os nipónicos utilizavam para designar os povos estrangeiros, até então por eles conhecidos sem qualquer carácter pejorativo, assim como aos objectos daí resultantes.

Será uma exposição que reunirá cerca de setenta obras de arte «Namban» no «Musée des Cinquenaire» em Bruxelas. «Mostra» essencialmente de raiz histórico-artística referente aos séculos XVI e XVII, composta por obras de arte seleccionadas de colecções oficiais ou particulares e que reflectem o intercâmbio cultural entre civilizações tão distintas como a portuguesa e a japonesa. Os japoneses registaram à sua maneira não só o impacto da nossa chegada como todos os referenciais daí resultantes: — do barco negro aos estranhos figurantes, dos animais exóticos aos objectos de venda —, assim como responderam de imediato aos nossos «desejos-encomendas» para uso ocidental, fabricando segundo as suas técnicas próprias e usando os seus materiais locais. São estes os objectos «namban», de indiscutível valor histórico-artístico que serão expostos em Bruxelas, registando o «trânsito» em ambos os sentidos dos interesses comerciais e religiosos tanto dos portugueses como dos japoneses que exporemos como símbolo da primeira simbiose cultural entre o Ocidente e o Japão.

Os escritórios, os cofres, os baús de madeira lacada de negro e ouro com aplicações ou incrustações de madreperla, as selas

de montar, os estribos, os guardas de espada, os polvorinhos, as caixas para alimentos ou caixas escrivatinhas onde sobressaiem as figuras dos portugueses, para já não falar nas espingardas que introduzimos no Japão, são algumas das obras de arte laicas mais representativas.

Porém, de grande efeito são também os oratórios de pendurar ou pousar, as estantes de missal, as caixas para hóstias, crucifixos, medalhas, pinturas e mesmo estatuetas de menino Jesus que marcam a forte implantação religiosa que em particular os jesuítas conseguiram, principalmente no sul do Japão. Para além do esplendor que estas obras de arte «namban» transmitem, a nossa relação torna-se mais directa e entusiasta se possível ainda, quando «lemos» a chegada, desembarque, cortejo e impacto civilizacional que nos é transmitido pelos célebres biombos referentes à chegada dos Portugueses! História factual registada no mais delicado pormenor, pela mais atenta pincelada, que do detalhe nos transporta à envolvência do céu, mar, onda, como que libertando-nos do tempo histórico para o da natureza intemporal.

É neste espírito de Festa Europeia, de cunho eminentemente cultural, que Portugal participará, contribuindo através das obras de arte expostas de uma forma única e por demais expressiva, neste diálogo entre Países, por nós já longamente praticado e registado em tão valioso espólio.

A Europa, ao preservar e reabilitar a sua tradição festiva clássica, através da Europália, abre-se este ano com as presenças japonesa, portuguesa e holandesa ao diálogo humanista e universal que o renascer europeu impõe.



* Presidente da Associação de Amizade Portugal-Japão. Comissário por Portugal na Europália 89.

Referência

Canavarro, P. — Os Portugueses e o Japão — Arte Namban. Revista ICALP, vol. 15, Março de 1989, 157-161.